

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 4 – Resgate

Dia 18 de maio de 2640. Estou a bordo de um submarino, prestes a desembarcar na Cidade Flutuante Nova América 21.

Eu estava tentando manter o foco nos dados de navegação e nas análises de rotina, uma forma de evitar que a mente me arrastasse para o medo por Heloise e Hellen. Mas uma transmissão criptografada, via meu dispositivo móvel pessoal, interrompeu esse esforço. É uma comunicação direta do Gestor.

A mensagem confirma o óbvio: a Corporação notou minha manobra.

"A sua decisão de investigar os humanoides Série 2580 em operação foi uma ótima diretriz de sua parte Vance, nossa Corporação admira colaboradores com iniciativa, no entanto você teve um comportamento considerado impulsivo pelo conselho de nosso diretório. Você tem autonomia concedida, mas precisa de uma visão mais abrangente deste problema hídrico: ele não é a causa, e sim efeito."

A seguir, ele anexou a causa real. O problema que me levou a esta missão desesperada não é uma falha de *hardware* no Sistema Hídrico, mas uma falha lógica nos humanoides.

O relatório descreve o inferno que irei encontrar na Nova América 21:

Os autômatos Série 2580 não estão em pane, mas em um estado de confusão operacional. O motivo: humanos tentaram treiná-los sem uma padronização de regras, introduzindo comandos conflitantes. Incapazes de determinar o método correto de trabalho no processo iônico das plantas hídricas, eles optam pela inação. Acredita-se que parte significativa das unidades esteja estacionada na Fase 2 da degeneração — o que significa que operam com uma capacidade lógica abaixo do limite aceitável.

Isso muda o escopo da missão. O problema não é um vazamento; é a paralisia sistêmica causada por uma incoerência de treinamento. Eu não estou indo consertar um defeito; estou indo restaurar a lógica em um exército de humanoides paralisados pelo erro humano. A complexidade disso me rouba um tempo que eu não tenho, dada a situação crítica de Heloise.

Não posso dizer que ao receber essa notícia não senti um grande alívio. Como a Corporação de fato dá alguma autonomia para os colaboradores agirem em outros projetos que sejam de seu interesse, ela aceitou a narrativa de que eu estava me envolvendo no problema do SCBFH de forma autêntica e espontânea, e não como um disfarce para encontrar minha filha. Parece-me evidente que até agora a fuga de Heloise não foi percebida pela Next Inc, que cuida da Segurança. Isso valida o sacrifício que Hellen e eu estamos fazendo para manter a fachada. É um ganho de tempo crucial.

A chegada a Nova América é um mergulho em um estado de entropia visual e operacional. A Nova América 21 é exatamente o que os *logs* indicavam: uma cidade flutuante em colapso lento, mas funcionalmente instável. A desordem estrutural é evidente—reflexo direto da paralisia dos humanoides Série 2580 que agora entendo ser a causa primária.

Não posso perder tempo com a auditoria que usei como fachada. O plano é agora puro resgate.

Meu próximo passo está totalmente focado na recuperação de Heloise. O holograma que utilizei como vetor de busca foi analisado em trânsito. A assinatura de fundo e a triangulação de dados da transmissão me permitem estabelecer um ponto de referência inicial.

Preciso localizar o setor exato onde aquela gravação foi feita. Meus dados apontam para o Setor Oeste, no Burgo da Nova Califórnia. É lá que o rastro dela deve começar.



Figura 38 – Nova América (Distrito)

Desembarquei no Distrito de Nova York 2. A transição do confinamento do submarino para o exterior desta "Cidade Flutuante" confirmou tudo o que os relatórios indicavam.

Não há quebra de controle, mas a ordem aqui é frágil e forçada. A desordem que eu lia nos dados agora é uma certeza visual e sensorial.

O ambiente é uma mistura de ruína e funcionalidade. A grande estrutura hexagonal da cúpula domina o topo, sendo a defesa clara contra o ambiente externo. O céu, com sua coloração avermelhada, é a condição padrão e opressiva do ambiente. Os edifícios estão inclinados, um traço de engenharia adaptativa; a decadência das construções é clara.

A população é densa, mas sem coordenação. As pessoas se movem sem um padrão, e há uma enorme diferença nas roupas e equipamentos. Este lugar é um reflexo claro do problema dos humanoides Série 2580: a falha nas regras de controle resultou em disfunção operacional e caos em cascata. É um cenário de crise, e Heloise está nele.

Eu estava definindo o percurso para o Setor Oeste, na Nova Califórnia, quando recebi a comunicação de Heloise. Não foi um sinal aberto, mas um *burst* de dados criptografado. O alívio de saber que ela está viva e disposta a fazer contato é imensurável; essa certeza justifica plenamente o risco tático que assumi ao receber esta transmissão fora do protocolo de segurança.

Minha missão está camuflada sob a Auditoria de Sistemas Hídricos. Ao receber uma transmissão codificada e não registrada no meu dispositivo pessoal, eu criei uma assinatura digital clara de que meu foco não é o trabalho, mas sim algo pessoal.

Ela não está onde pensei. O rastreamento indica o Novo México 4. Mudei imediatamente o vetor, usando a infraestrutura caótica da cidade para mascarar o movimento.

O encontro ocorreu em um setor de manutenção abandonado no Burgo. A primeira observação é a saúde dela, que está fisicamente estável. O segundo é o relato dela, que é a peça que faltava no cenário:

— Heloise me disse que o Bruce falou que não poderia levá-la com ele, que ele é errante e não quer que ela sofra com uma vida de fugitiva. Ele a ama, a quer livre, mas longe do perigo. Ele disse para ela voltar para casa.

A análise lógica é imediata. A atitude de Bruce é um ato de amor racionalizado. Ele percebeu que seu caminho como errante e inerentemente caótico seria uma ameaça insustentável à segurança e ao conforto de Heloise. A coerência desta atitude demonstra que o sentimento de afeto por ela era real, e superou o ideal de vida dissidente que ele defende, forçando-o a tomar a decisão mais segura para ela.

Heloise foi consumida pela tensão acumulada e chorou compulsivamente, pedindo perdão repetidas vezes. Testemunhei em silêncio o desespero dela, mas só pensava, antes de tudo, em tirá-la daquele ambiente. A urgência da nossa saída e o risco de rastreamento não permitiriam que eu me concentrasse na absolvição moral da minha filha naquele momento; isso seria um luxo que teríamos apenas quando estivéssemos em segurança sob a Colmeia.

A primeira ação após o encontro foi a mais urgente. Sem perder tempo, implantei eu mesmo uma cópia do chip de identificação de Heloise. Precisávamos de uma identidade funcional para os *checkpoints* da saída e para o reembarque, o mais rápido possível.

Neste momento crítico, recebi uma chamada do meu Gestor. Ele solicitou minha visita urgente na auditoria devido à crise operacional na planta hídrica. Meu dever era obedecer e continua usando isso como cobertura. Fui para o Burgo Nova Amazônia, onde estava localizada a planta hídrica da cidade – a razão *oficial* da minha presença ali e meu dever profissional.

Mudei o vetor de deslocamento. Estávamos em um trajeto de 10 minutos pelo metrô, e aproveitei para me concentrar em Heloise. Ela demonstrou extremo interesse no colapso dos humanoides, fazendo perguntas que exigiram uma explicação técnica, desviando a mente dela do trauma.

Expliquei o princípio da série 25x e 26x: A energia fotônica que o humanoide usa e dispõe é obtida através do urânio enriquecido por fusão plasmática. Isso concede às unidades aproximadamente 267 anos de funcionamento pleno. Após esse período, o humanoide se recolhe em modo de bateria residual para *upload* de seu histórico, dados de aprendizado e demais informações no contexto lógico de suas conclusões e desfechos, então seus filtros de inteligência são desativados e ele desliga. Os materiais são robustos, mas podem ser trocados.

Quando chegamos ao campo de trabalho da planta hídrica na Nova Amazônia. Heloise estava comigo, e o receio de que ela pudesse ser vítima da agressividade me deixou em alerta máximo. A cena que encontramos foi de uma bestialidade que beirava o absurdo, era bizarra!

Os humanoides desocupados estavam jogando pôquer, apostando coisas que não eram deles. O nível de agressividade era alto, e a linguagem, de baixo calão. Eles estavam presos em um ciclo de ócio destrutivo. Na entrada do setor, um humanoide nos encarou e articulou uma frase que beira a filosofia: "Quando me julgo por seus olhos não gosto do que vejo, por isso te evito."

A ideia de que esses autômatos foram treinados para jogar pôquer é revoltante. A fúria que senti ao ver essa falha grotesca de propósito foi imensa. Meu Relatório de Sabotagem no SCBFH precisava ser taxativo quanto à causa raiz:

Os humanoides só podem aprender com quem ensina o que presta. Sua autonomia em aprender com todos para se relacionar com todos não funciona. Ele precisa ter um 'caráter'. Protocoliei a conclusão da auditoria e o Relatório Técnico foi brutalmente honesto.

O sumário executivo foi inequívoco e aponta para uma sabotagem: o sistema está corrompido porque os humanoides estão sendo treinados para roubar, jogar e adquirir vícios humanos. A solução indica uma falha sistêmica.

A atualização do código de ética não seria suficiente, pois na Fase 2 da degeneração o problema se instauraria novamente, seria só uma questão de tempo, mesmo assim solicitei uma *update*.



Figura 39 – Estação de Embarque

O código de ética base tinha um peso inferior ao de relacionamento e aprendizado, permitindo que a corrupção fosse priorizada. O erro é de arquitetura lógica: o caráter tem que vir antes do social.

Chegamos à base naval e embarcamos no submarino rápido auto conduzido que nos levaria de volta ao nosso lar na Colmeia. Foi o primeiro momento em que consegui me sentir um pouco mais relaxado, mas o alívio era ilusório. A ameaça não desaparecera; apenas se tornara latente.

Se os robôs analistas da Corporação examinassem meu registro de movimento, notariam imediatamente que eu estive em Novo México 4. A pergunta inevitável seria feita: "O que você foi fazer lá, Dr. Vance?" Minha cobertura de auditoria na Nova Amazônia não cobria a totalidade da minha incursão.

Olhei para Heloise, que permanecia em silêncio, encarando o chão.

— Heloise — comecei, com a voz baixa e pragmática. — Sua ação nos colocou em risco. Não há moral, apenas consequências. Sua fuga expôs minha estabilidade e a integridade de nossa unidade familiar. Eu preciso da sua conclusão. O que você aprendeu com o caos que viu?

Ela levantou a cabeça, os olhos fixos em mim. Não havia lágrimas, apenas uma aceitação fria e factual.

— Eu aprendi a inviabilidade, Pai. Eu vi que a vida fora da Colmeia não é uma alternativa de existência viável. É degeneração. O que eu vi na superfície não era liberdade, era desordem e violência sem propósito.

— Portanto, sua conclusão? — perguntei.

— Eu volto ao sistema. A alternativa não é sustentável. Não há futuro fora da Colmeia, eu fui ingrata e egoísta, só pensei nos meus sonhos e não calculei o risco, estava agindo de forma impulsiva, atrás de um sonho que jamais se realizará.

A aceitação da inviabilidade era o único resultado que importava. A observação de Heloise era precisa.

— Você vai precisar conversar muito com a sua mãe sobre o tempo que esteve fora.

A experiência de Heloise é, ironicamente, a melhor garantia de seu retorno para o controle da Corporação. Ela confrontou a penúria da vida marginal e concluiu a superioridade de nossa qualidade de vida por evidência – um método de aprendizado 100% eficaz.